

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

O romantismo singelo de Joseph von Eichendorff

Laura de Borba Moosburger¹

Não sei por que buscas palavras longas/ para as coisas breves que nos assombram.

Glória de Sant'Anna

Titel: Eichendorff und die Bewunderung der Einfachheit

Title: Eichendorff and the admiration of simplicity

Palavras-chave: canção – nostalgia – melancolia – natureza

Schlüsselwörter: Lied – Sehnsucht – Wehmut – Natur

Key-words: song – nostalgia – melancholy – nature

Ingênuo, sentimental, singelo

Ao abordar a presença do singelo em Joseph von Eichendorff, um poeta do Romantismo, é natural que de pronto se estabeleça uma referência à discussão de Schiller sobre o ingênuo em seu escrito “Sobre Poesia ingênua e Sentimental”, na qual ele realiza justamente uma caracterização da poesia romântica por oposição à clássica mediante essas duas categorias: ingênuo e sentimental. Para nosso presente e breve propósito, buscaremos na discussão de Schiller apenas um ponto de partida ou de referência para uma leitura de Eichendorff, sem pretender explorar a discussão de Schiller propriamente dita, nem as muitas implicações envolvidas nessa equiparação.

¹ Doutoranda em Filosofia em trabalho interdisciplinar com Literatura pela Universidade de São Paulo (USP), bolsista FAPESP; Email: laurabmoos@gmail.com.

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

Segundo Schiller, os poetas antigos teriam usufruído de um estado de comunhão no qual eles mesmos eram ou possuíam a natureza, enquanto que os românticos se ressentiriam da perda desse estado. Os primeiros, em sua plenitude, seriam “ingênuos”; os segundos, tomados pela consciência de sua perda, pela experiência de uma cisão entre homem e natureza, seriam “sentimentais”, movidos pelo nostálgico desejo (*Sehnsucht*) de reaver aquela unidade perdida e frequentemente imersos em melancolia por não poder satisfazê-lo. Eichendorff, que canta precisamente essa condição romântica, não pode, é claro, ser considerado ingênuo no sentido estrito dessa distinção: ele é claramente sentimental no sentido romântico.

Porém, a discussão de Schiller não para nesse ponto, e a distinção entre antigos e românticos dá lugar a uma aproximação aparentemente paradoxal do sentimental ao ingênuo, em que o ingênuo surge como ideal do próprio sentimental. Para entender isso, a primeira coisa a se notar é que a nostalgia romântica não se dirige tanto à época clássica em si, mas muito mais ao estado de proximidade com a natureza que os antigos conheciam. Não se trata de regredir a um estado prévio a essa cisão, que afinal constitui a experiência mais própria do homem moderno. A questão que se põe para Schiller é, antes, como reencontrar uma proximidade com a natureza de modo não ingênuo, ou talvez melhor dizendo, como reencontrar a ingenuidade por uma via genuinamente romântica e, portanto, não ingênua no sentido do clássico.

Schiller observa que o homem moderno não está apenas separado da natureza, como também de certo modo saturado por sua educação excessiva. Diante disso, fala de uma admiração que segundo ele “todos nós já sentimos ... pela natureza, simplesmente porque é natureza” (SCHILLER 1991: 43): admiramos a naturalidade, espontaneidade e falta de afetação presentes em “uma flor singela (eine unscheinbare Blume), uma fonte, uma rocha musgosa, o gorjeio dos pássaros...” (SCHILLER 1991: 44); e com esses exemplos ele chega à expressão de uma “admiração da singeleza” (*Bewunderung der Einfachheit*), na medida em que esta exprime “um coração cheio de inocência e verdade” (SCHILLER 1991: 46). É possível pensar que o sentimento do singelo de algum modo reconecta o homem à natureza, sem fazê-lo “regredir” à ingenuidade inerente ao estado de plena comunhão, mas antes dando voz ao próprio sentimento consciente de uma perda desse estado. É o que nos parece corresponder à poesia de Eichendorff, e tentaremos esboçar essa percepção mediante uma leitura do poema “Noite de Luar”

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

(Mondnacht, 1835), buscando explicitar a presença simultânea da nostalgia romântica (Sehnsucht) e a tonalidade singela em que ela se constrói.

“Mondnacht”: uma leitura

Mondnacht

Es war, als hätt' der Himmel
Die Erde still geküßt,
Daß sie im Blütenschimmer
Von ihm nun träumen müßt'.

Die Luft ging durch die Felder,
Die Ähren wogten sacht,
Es rauschten leis' die Wälder,
So sternklar war die Nacht.

Und meine Seele spannte
Weit ihre Flügel aus,
Flog durch die stillen Lande,
Als flöge sie nach Haus.

Noite de luar

Foi como se o Céu houvesse
Beijado a Terra em tal candor,
Que ela agora o buscava em sonho
Como um mar brilhante em flor.

De leve o trival se agitava
Ao toque da brisa amena,
O bosque suave cantava
Na noite cheia de estrelas.

E a minha alma estirou
Para longe suas asas,
Por calmas terras voou,
Como se voasse para casa.

Já do ponto de vista formal podemos perceber elementos que conferem ao poema um ar de leveza, a começar pela escolha da forma da canção (Lied), que aqui se constrói como uma história contada no pretérito, ao estilo das fábulas (Es war...). As rimas e assonâncias produzem um ritmo suave, que harmoniza com a sonoridade também suave das palavras, sobretudo verbos, advérbios e adjetivos: still, küssen, sacht, rauschen, leise... Soma-se a isso o fato de que as palavras escolhidas são geralmente de uso cotidiano: céu, terra, campo, bosque... Mas nada disso gera a sensação de uma simplicidade não elaborada, ao contrário, as palavras simples se destacam em sua riqueza justamente pela ponderada economia com que Eichendorff as distribui no poema, e sobretudo pelo ritmo dos versos, que bem se assemelha aos movimentos brandos descritos no poema: o beijo com candor, o florescer de um brilho ao luar, o correr do vento, o sussurrar (rauschen) da floresta. Essa composição de elementos formais em um delicado embalo por si só já confere uma despreensão ao poema,

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

tornando-o apto a fazer impressão em uma criança – uma criança com sensibilidade lírica. E isso em nada diminui a pungência e a riqueza do afeto que ele exprime.

Na primeira estrofe, o sentimento da nostalgia é tão marcante, que transcende a esfera do eu lírico e adquire uma dimensão cósmica, como uma saudade amorosa nascida de um beijo imemorial que o Céu teria dado à Terra, despertando nesta o anseio imperativo de o reencontrar em sonho. Os comentadores remetem essa imagem à mitologia grega, sob as figuras de Urano e Gaia, cuja união simboliza a origem do mundo, a criação de todas as coisas, ainda que não se saiba ao certo se há a imagem do beijo propriamente dito. O eu lírico está completamente absorvido pela força dessa visão, e é a partir de uma imagem deslumbrante que ele adivinha a ocorrência pregressa e mítica daquele beijo: a imagem do *Blütenschimmer* (literalmente um “florescente brilho”), um mar ou um tapete de flores abrindo-se suavemente ao luar, como se a Terra florescesse inspirada pelo beijo do Céu e, espelhando em suas flores o brilho prateado da Lua que vem do Céu, o devolvesse na imagem de sua beleza refletida – como que o reencontrando em sonho.

O “como que” é fundamental. Ao valer-se do subjuntivo – “es war als hätte der Himmel...”, “... dass sie von ihm nun träumen müsste –”, Eichendorff introduz no poema a “dúvida”, tão caracteristicamente romântica, “sobre a possibilidade do desejado reestabelecimento da unidade de todas as coisas” (RÖHRIG 2012: 13), e o eu lírico se mostra “bem ciente do caráter fantástico de suas impressões” (JOBST & KERLER 2002: sem paginação). Com essa dúvida, que infunde àquele desejo um tom melancólico, enfatiza-se o espaço do impossível, a distância e cisão sentidas em relação à natureza, ao mesmo tempo que o eu lírico, embora pareça sumir diante de uma visão cósmica (objetiva e externa), na verdade já anuncia sua presença como alma imaginativa: “o eu lírico não exprime um acontecimento que houvesse ocorrido na realidade; antes, descreve aquele [acontecimento] que é parte de sua força imaginativa e que nasce de uma [sua] profunda nostalgia” (RÖHRIG 2012:16). O encontro de Céu e Terra não apenas acontece só em sonho, como apenas no sonho do eu lírico.

A segunda estrofe descreve uma movimentação suave da natureza, que o eu lírico sente e percebe a tal ponto que ele mesmo parece viajar por vastas paragens carregado pelo vento, como pelas asas invisíveis da imaginação. Nessa ampliação da imaginação do eu lírico enquanto ambiência da natureza, ele se torna testemunho de uma intimidade na qual sutilmente se sugere um encontro de Céu e Terra: o vento,

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

emanando do céu, soprando de modo a fazer com que as espigas se agitem de mansinho (Die Luft ging durch die Felder/ Die Ähren wogten sacht), toca a terra, pois, como as flores, as espigas são rebentos da terra; o bosque sussurra baixinho (es rauschten leis' die Wälder), como ressoando o anseio recíproco de Céu e Terra; e a noite, clara e estrelada (so sternklar war die Nacht), revela uma plenitude de manifestação da natureza. Tal como na imagem do brilho-florescente, os elementos da natureza aqui se unem amorosamente, enquanto o eu lírico se sente de algum modo participante desse encontro. Mas sempre em seu estado de sonho.

É somente na terceira e última estrofe, porém, que o eu lírico se pronuncia explicitamente, deixando falar seu estado interior, que antes estava difuso e absorvido pelas imagens externas. Agora, suscitado pelo estado fantasioso que ele sente e em parte projeta na natureza, é compelido a “estirar suas asas e voar, por calmas terras, como se para casa”. Ele parece sugestionado a realizar ele próprio o movimento de retorno que acaba de descrever na natureza, entre Céu e Terra, em uma espécie de sincronia com o movimento cósmico, de modo que a última estrofe parece reatar-se à primeira ao projetar o mesmo movimento de retorno. Entretanto, é justamente neste momento que se relativiza o sentido do que é “cósmico”, pois na imagem do homem na terra que deseja ascender ao céu explicita-se o sentido bíblico que foi dado ao mítico beijo de Céu e Terra, em que este passou a significar uma fusão ou reabsorção do terreno com o celestial, do carnal com o espiritual; uma união do homem com Deus e o advento de Cristo. Nesse sentido, o homem se destaca como protagonista do desejo de retorno ao lar celestial, e a imagem do beijo de Céu e Terra converte-se em símbolo da natureza dual do homem, que deseja espiritualizar-se livremente, pela “terra tranquila” (stillen Lande), como que apaziguada, em direção ao céu.

Considerações finais

Podemos perceber que, em consonância com os aspectos formais, o próprio afeto do poema, a nostalgia que ele exprime, as imagens que constrói, têm um espírito singelo. O eu lírico fala de um sonho ciente de que é um sonho, e conta a história de um reencontro que, embora possa ser considerado sublime (tal como a imagem do brilho florescente),

Moosburger, L. – O romantismo singelo de Eichendorff

não soa como algo grandioso e ambicioso, mas antes como algo singelo: desde o beijo do Céu à Terra que é dado com candor (still: quieto, silencioso, secreto), o sonho de um brilho florescente ao luar, o correr de mansinho do vento pelo campo, o sussurrar baixinho do bosque, a noite estrelada... Todas essas imagens acontecem com candura, mansidão e ternura. Por fim, a própria imagem da Terra apaixonada buscando o Céu em sonhos, e do homem sentindo em si o anseio de voar e alcançar o céu como quem retorna para casa, é algo de comovente no sentido em que Schiller, ao falar da “admiração da singeleza”, chama de “um coração cheio de inocência (também poderíamos dizer pureza) e verdade”. Seria este um sublime singelo, em contraste ao sublime grandioso que foi mais teorizado no Romantismo.

Parece contribuir grandemente para essa sensação o fato de que Eichendorff valoriza a realidade sensível do mundo tal como o conhecemos, salientando um modo mais natural de sentir em intimidade com os elementos sensoriais da natureza. O poema nos dá notícia de qualidades muito próximas aos sentidos, como são as de suavidade e brandura, qualidades que não agriem os sentidos, mas ao contrário os excitam de maneira leve e sutil, como uma brisa amena. Eichendorff trabalha ainda uma confluência de todos os sentidos², em que as percepções do olhar, da audição, do tato, misturam-se sinestesticamente. Em tudo isso, a atenção dada aos fenômenos sensoriais mais elementares, como o brilho do luar, o correr do vento pelo campo, o sussurrar do bosque, produz por si só uma aproximação à natureza, através de uma singeleza na percepção. Assim, ainda que o poema exponha um sonho do sujeito lírico e não um evento real tal e qual, ele é naturalmente permeado por uma proximidade com a natureza; como observa RÖHRIG (2012: 16), sua fantasia é de fato “provocada pelo brilho misterioso da lua”. Talvez possamos dizer que, ao realizar em seus versos uma naturalidade semelhante à da brisa amena e ao murmúrio suave do bosque, Eichendorff atinge a seu modo o que Schiller propõe como ideal do ingênuo no romântico: o encanto da singeleza.

² Cabe aqui um agradecimento a Karin Volobuef por acrescentar a observação de que Eichendorff explora a totalidade dos sentidos.

Referências bibliográficas

- EICHENDORFF, Joseph von. *Mondnacht*. Disponível em: [http://www.zeno.org/Literatur/M/Eichendorff,+Joseph+von/Gedichte/Gedichte+\(Ausgabe+1841\)/6.+Geistliche+Gedichte/Mondnacht](http://www.zeno.org/Literatur/M/Eichendorff,+Joseph+von/Gedichte/Gedichte+(Ausgabe+1841)/6.+Geistliche+Gedichte/Mondnacht)>. (Acesso em: 21/10/2015).
- JOBST, Jasmin & KERLER, Christine. *Synästhesie und Intermedialität in der Lyrik der Romantik. Wahrnehmung als Konstrukt in Joseph von Eichendorffs „Mondnacht“*. 2002. Disponível em: <<http://www.goethezeitportal.de/wissen/projektpool/intermedialitaet/autoren/eichendorff/wahrnehmung-als-konstrukt-in-eichendorffs-mondnacht.html>>. (Acesso em: 26/10/2015).
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia Ingênua e Sentimental*. São Paulo: Iluminuras: 1991.
- RÖHRIG, Tanja. *Das Nachtmotiv in der romantischen Lyrik. Am Beispiel ausgewählter Gedichte von Novalis, Brentano und Eichendorff*. Norderstedt: 2012.